

Descrições dos movimentos sociais e agroecossistema em assentamento no Brejo Paraibano

Descriptions and social movements in laying in an agroecosystem in the Brejo of Paraiba

Thiago Costa Ferreira

Doutorado em Agronomia/ Proteção de Plantas (UNESP), Brasil
ferreira_uepb@hotmail.com

José Thyago Aires Souza

Mestrando em Agronomia (Fitotecnia) – UFPB, Brasil
thyagotaperoa@hotmail.com

Resumo

A área do Brejo paraibano tem passado por uma grande mudança nos últimos anos, com falências das grandes usinas e um intenso trabalho dos movimentos sociais. O assentamento Santa Maria em Pilões – PB é um modelo regional com essas características. Porém, existem poucos registros literários sobre esses movimentos. Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever os movimentos sociais e o agroecossistema encontrados em um assentamento paraibano. A metodologia utilizada consiste na especificação do agroecossistema pelo catálogo das relações locais, pelo uso da metodologia FOFA e também pela comparação com literatura especializada. A área analisada tem inúmeras possibilidades de crescimento, um bom agroecossistema, uma marcante busca dos movimentos sociais pelo bem comum local. Logo, concluímos que o assentamento pode servir de modelo para áreas de conversão produtivas.

Palavras-chave: Sustentabilidade, diversidade, agroecossistema, Agroecologia.

Abstract

The area of Paraiba Heath has undergone a major change in recent years, with bankruptcies of large power plants and intensive work of social movements. The settlement Santa Maria in Pylons - PB is a regional model with these features. However, there are little literary records of these movements. Therefore the aim of this study is to describe the social movements and the agro-ecosystem found in Paraiba a settlement. The methodology used is the description of the catalogue of local agro-ecosystem relationships, the use of FOFA methodology and also by comparison with the literature. The area described has many growth opportunities, a good agro-ecosystem, an emotional search of social movements for the common good location. Soon we conclude that the settlement can be a model for productive conversion areas.

Key-words: Sustainability, diversity, agroecosystem, agroecology.

1. INTRODUÇÃO

Na história recente da microrregião do Brejo Paraibano, a política de incentivo à produção de derivados da cana-de-açúcar, desde o início da colonização europeia até os dias atuais, fortaleceu as possibilidades de acúmulo de capital na localidade, principalmente, para os detentores da posse das áreas cultiváveis e usinas, sendo por isso desinteressante para trabalhadores/moradores locais. E por isso, muitos foram os processos sociais contra esse monopólio regional (MENEZES; MALAGODI; MOREIRA, 2013).

As graves consequências que tal padrão apresenta, especialmente sobre o meio ambiente e sobre a saúde humana, fizeram surgir pressões por mudanças; estas partindo de iniciativas de inúmeros movimentos da sociedade civil, governos e principalmente o ambientalismo, que questionaram de forma bastante direta a produção agrícola da revolução verde, sua dependência dos insumos industriais e a grande demanda de utilização de recursos naturais (COSTABEBER, 2007), o que aconteceu muito fortemente na localidade em questão (MENEZES; MALAGODI; MOREIRA, 2013).

Este fato esteve apoiado no declínio da atividade sucro-alcooleira nas duas últimas décadas do século XX, em que as populações ligadas diretamente ao sistema passaram a viver um quadro de crise econômica e social regional. O governo federal, sofrendo também a pressão dos movimentos sociais, desapropriou as áreas de terra pertencentes à Usina Santa Maria, e criou, na área de abrangência desta Usina, um total de 10 assentamentos de reforma agrária, localizados no Brejo Paraibano, que aglomeraram assim a população antes dependente do fluxo de capital da cadeia sucro-alcooleira, no entanto é mínima a ajuda governamental na localidade (ALMEIDA, 1994; GODIM, 1999).

Então, a região tem uma forte ligação com as ideias de transição agroecológica, a partir da mudança de pensamento da Revolução Verde (Cadeia produtiva da cana-de-açúcar) para um quadro metodológico que aborda táticas de plantio sustentável. Porém, esse é um local carente de observações sociais, análise destas políticas públicas e descrição do agroecossistema local, assim um fator limitante para o desenvolvimento territorial sustentável (MENEZES; MALAGODI; MOREIRA, 2013).

Dessa maneira, os objetivos deste trabalho são descrever os Movimentos sociais e o agroecossistema presente em lote no Assentamento Santa Maria – Pilões, PB, possibilitando assim um melhor entendimento do fluxo energético ocorrente na localidade em questão.

2. METODOLOGIA

O município de Pilões situa-se na microrregião do Brejo (Figura 1), compreendida na mesorregião do Agreste Paraibano, com população estimada em 7.731 habitantes (SANTOS, 2012). Possui área de 64,4 km², com relevo geralmente movimentado, altitude média de 400m acima do nível do mar, rios perenes que compõem a bacia hidrográfica do Rio Mamanguape, a vegetação local apresenta remanescentes da Mata Atlântica e áreas agrestes. Tendo como os municípios limítrofes: Serraria (norte e oeste), Areia (sul), Alagoinha (sul), Pilõezinhos (leste) e Cuitegi (leste). Distante 118 quilômetros da capital do Estado. A área do município é de 64,4 quilômetros quadrados. Sua economia foi baseada, durante muito tempo, no plantio da cana-de-açúcar para a produção seus derivados e agricultura de subsistência, e atualmente, a produção de flores é o mais novo elemento da economia local (MENEZES; MALAGODI; MOREIRA, 2013).

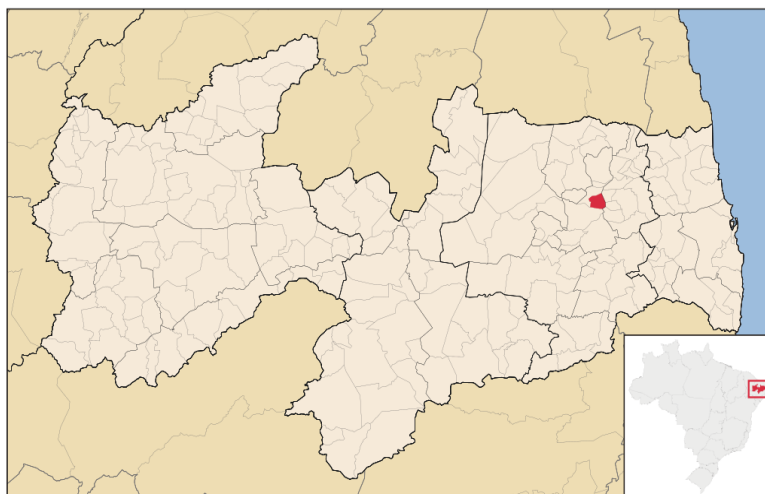


Figura 1: Localização Geográfica do Município de Pilões - PB

O reconhecimento das peculiaridades agrícolas da localidade: através da coleta de dados por meio de questionários semiabertos e formulação de hipótese, sendo essas fases executadas através da comparação dos dados recolhidos com a literatura especializada; e a extensão de conhecimento adquirido ao agricultor por meio de conversações de nível formal e informal.

Cada ponto, acima, segue especificado a seguir:

2.1. Reconhecimento dos movimentos sociais locais:

Foram realizadas visitas exploratórias a associação dos produtores locais e a residências de assentados e busca em literatura especializada para que se pudessem levantar em linhas gerais as

informações sobre a localidade, identificar os movimentos sociais e suas ações, para conhecer os tipos de produção em cada uma delas e saber se concordavam em participar da pesquisa. Sendo esta metodologia adaptada de Silva e Ramos (2008) e Melo Filho (1999).

2.2. Reconhecimento do agroecossistema

Após a reunião das informações, foi realizada a diagramação das mesmas e um melhor entendimento dos postos fortes e fracos da localidade. Com as seguintes metodologias:

- **Análise Estratégica:** FOFA – Fortalezas (interno) e Oportunidades (externo); Fraquezas (interno) e Ameaças (Externo), neste ponto foram avaliados todas as possibilidades do agroecossistema, por meio da união de informações vinda dos próprios agricultores, tendo o interesse de escutar seus questionamentos sem inferir no resultado das perguntas, sendo assim importante a necessidade de ter em pauta um questionário que possibilite essa análise, metodologia adaptada de Oliveira (2005) e Canabarro *et al.* (2008);
- **Análise de Agroecossistemas:** Para a descrição do agroecossistema local, tomamos por base as informações colhidas em diversos lotes do assentamento. Fluxogramas de Insumos e Produtos, sendo utilizados artifícios para que as informações descritas no subitem anterior sejam compiladas com fidelidade; Fluxograma de Trabalho; Fluxograma de renda, adaptação da metodologia proposta por Ferreira *et al.* (2014a, b).

3. RESULTADOS

3.1. Reconhecimento dos movimentos sociais e histórico local

A área de estudo compreende uma área anteriormente utilizada para a produção de cana-de-açúcar, e, atualmente, está distribuída em lotes distribuídos entre famílias ligadas à atividade econômica da usina através do regime de Uso Capão. A área de 201 ha, distribuídos em lotes de 5,0 ha, oficialmente vivendo 27 famílias. A história do assentamento, segundo relato de habitantes locais era bastante dependente dos posseiros da antiga Usina Santa Maria, e atualmente muitos destes agricultores se deslocam para usinas de cana-de-açúcar próximas para trabalhar na produção, sendo uma característica marcante entre os posseiros.

Segundo Menezes, Malagodi e Moreira (2013), a Usina Santa Maria iniciou suas atividades em 1932, porém somente em 1978 o programa governamental PRÓALCOOL, havendo terras da usina situadas nos municípios paraibanos de Pilões e Areia, e estas somavam 3.452 ha. Com a expansão da produção sucroalcooleira, terras do entorno eram arrendadas para que a produção fosse expandida, sendo utilizada a mão-de-obra local.

A época de apogeu da usina foi nos anos 70/80. Após esta época, foi iniciado um período de avanço tecnológico local, com intensivação da produção e inúmeras regaras de trabalho, como por exemplo, não mais foi permitido ao trabalhador que morava nas áreas da usina o plantio de qualquer cultura.

A modernização da cadeia produtiva local foi impossibilitada pelo impasse a mudanças técnicas nas terras arrendadas o entorno que tecnologias arcaicas sem a mecanização agrícola, aumentando assim a necessidade por mão-de-obra trazendo e os custos, porém com baixa produção, haja vista outras localidades produtoras. Propiciando então a falência da nova, causando assim desemprego local, e falta de opção para as populações dependentes da usina (LIMA; MELO, 2000).

Logo, os trabalhadores começaram a se organizar e cultivar a área ainda não demarcada. Com a divisão dos lotes, os assentados começaram a cultivar em seus lotes diversos gêneros alimentícios para gerar renda local, e paralelamente começou a surgir no assentamento um pensamento associativo, que através da união dos colonos poderiam ser requeridas várias iniciativas publicas que melhoram a vida na localidade. Através também da acessória técnica da COONAP, que estabeleceu uma ponte entre a iniciativa dos assentados para os agentes sociais que possibilitariam as mudanças necessárias no assentamento, foi nesta época também que houve a criação de áreas de uso comum, sendo utilizadas para a produção de alimentos com menor tempo de produção e para a realização de atividades comunitárias.

Por esse pensamento associativista, a consolidação do assentamento se deu a partir da busca por respostas para as questões sociais e ambientais, com a divisão dos deveres e direitos dos colonos, sendo também vinculada a entrada de novas experiências de tecnologia, principalmente com grupos de interesse ou trabalho em determinadas áreas científicas.

Ferreira *et al.* (2014a) também descrevem que a associação dos produtores rurais dentro de uma localidade, visando melhorias para a comunidade como um todo, é de suma importância para o desenvolvimento regional. Ainda tomando por base este trabalho a associação entre os produtores rurais na comunidade do Almeida (como fora descrito por este trabalho) no município de Lagoa Seca – PB possibilitou um aumento significativo da renda local pelo fato que foram atraídos a localidade incentivos governamentais que fomentaram até mesmo a construção de uma fábrica de derivados de mandioca, gerando renda extra na localidade.

Caporal e Costabeber (2007), corroborando com o exposto acima, descrevem que a associação de produtores locais fortalece os laços do homem com o local que vive, fixando assim este ao trabalho campesino sem que haja a necessidade de êxodo rural, como foi o caso descrito no

assentamento em que as famílias que residiam e tinham algum tipo de ligação com a usina permaneceram no local para viver e trabalhar para sua subsistência.

3.2. Descrição do agroecossistema

Nesse ponto, foi percebido que os lotes do assentamento apresentam uma caracterização em comum no que se diz produção agrícola e ao destino deste montante produzido, pois como em toda a região os lotes eram plantados em regime de sequeiro com culturas temporárias de subsistência como o milho (*Zea mays*), o feijão (*Phaseolus vulgaris* e *Vigna unguiculata*), a mandioca (*Manihot esculenta*), e também nos lotes existe a produção de fruteiras como bananeiras (*Musa* spp.) e mangueiras (*Mangifera indica*), e, além disso, o último ponto da agricultura local o plantio do urucum (*Bixa orellana*) que é a cultura agrícola que concentra a maior geração atual de renda na área do assentamento.

Ferreira *et al.* (2014a) citam que a produção em área de agricultura familiar no Agreste paraibano produzia os mesmos gêneros alimentícios citados acima, porém só não havia a produção do urucum na localidade, sendo portanto para o assentamento descrito uma boa inovação que tem rendido lucros aos assetados e que não ocupa muitos recursos, pois o urucuzeiro é uma planta nativa a região do assentamento.

Em ambos os lotes ,existe energia elétrica, porém, não existe água encanada na localidade, esta é armazenada em reservatórios coletivos como açudes e áreas de baixadas alagadiças que servem de local para a produção de peixes, em épocas de fartura de água. Plantio de hortaliças (principalmente na área comunitária) e também o armazenamento de água para consumo humano e animal, sendo este como relatado pelos colonos, a desuniformidade da distribuição da água nos lote, impossibilitando a produção de animais em maior escala. As áreas cultivadas eram cultivadas no regime de sequeiro, ou seja, sem a utilização de irrigação no período de cultivo, ficando assim a mercê dos fatores climáticos para uma boa produção.

Ferreira *et al.* (2014b) descrevendo diversos agroecossistemas na região do Cariri paraibano citam que a desuniformidade da distribuição das aguadas dentro dos agroecossistemas também são um empecilho bastante forte a produção agrícola local, que é também baseada principalmente na agricultura de sequeiro e a criação de animais, principalmente de grande porte, como bovinos e equinos.

Ainda sobre a questão da água, pode-se observar que a topografia do assentamento impossibilita a distribuição de maneira mais barata e eficiente a todos os lotes, sendo necessário um estudo que seja um norteador das possibilidades de projetos de distribuição de água.

Souza *et al.* (2014) descrevem que a falta de água, na zona rural no município de Taperoá – PB, igualmente é um dos principais entraves para a implementação de tecnologias para o desenvolvimento no campo, sendo difícil pelos mesmos motivos descritos neste trabalho. Porém, segundo ainda estes autores o entrave principal é a maneira precária que os agricultores locais são assistidos e auxiliados pelos órgãos de extensão públicos, por isso existem em ambas as áreas, na citada pelo artigo referido neste parágrafo e na área do assentamento descrita neste estudo, possibilitando que empresas privadas assumam este papel de extensão rural e que mesmo assim seja deficitário os resultados obtidos pelos assentados frente às possibilidades do assentamento.

3.3. Análise de estratégias

Com respeito às ideias de Análise Estratégica [FOFA – Fortalezas (interno) e Oportunidades (externo); Fraquezas (interno) e Ameaças (Externo)] construídas a partir do diálogo com os assentados pode-se descrever as seguintes perspectivas listadas a seguir:

FORTALEZAS

- Interesse pelo associativismo;
- Boa abertura a agentes externos de desenvolvimento;
- Interesse pela agricultura familiar e segurança alimentar;
- Procura constante de alternativas econômicas;
- Possibilidade de venda de produtos em feiras locais;
- Possibilidade de produção orgânica na área do assentamento;
- Companheirismos frente às adversidades;
- Promoção de políticas de gênero;
- Pensamento coletivo de resolução de problemas.

OPORTUNIDADES

- Cultivos orgânicos certificados;
- Ecoturismo;
- Melhoria na qualidade de saúde e educação dos assentados;
- Proteção à fauna e flora locais;
- Utilização dos saberes tradicionais;
- Agregação de experiências com outros assentamentos da região;
- Comércio direto dos produtos produzidos;
- Diversificação das atividades produtivas;
- Resolução do problema da água;
- Produção animal e vegetal coletiva;
- Incentivo a cultura local;
- Beneficiamento das matérias-primas produzidas pelos assentados;
- Produção e comercialização de artesanato.

FRAQUEZAS

- Pouca escolaridade dos assentados;
- Pouca infraestrutura básica escolar e de saúde;
- Áreas com desertificação;
- Venda de alguns poucos produtos por atravessadores;
- Pouca produção na área comunitária;

AMEAÇAS

- Atração dos assentados para outras atividades não agrícolas fora do assentamento;
- Mau uso do dinheiro público para melhorias externas ao assentamento que influem dentro do mesmo;
- Êxodo rural;
- Desinteresse dos poderes públicos;
- Preconceito.

No quesito Fortalezas, foram identificados tópicos relacionados a boas práticas de uma administração rural eficiente, como por exemplo, a segurança dos alimentos produzidos no local e sua venda direta aos consumidores. Já para as Oportunidades, podemos destacar a busca para o aprimoramento das qualidades locais, principalmente com certificação orgânica dos produtos locais.

Para Fraquezas e Ameaças são destacados pontos que levam em consideração a falta organização da assistência técnica e políticas de apoio e fomento aos assentados por parte do governo, deixando que problemas como o êxodo rural estejam ameaçando a localidade.

Os resultados descritos neste tópico estão semelhantes aos apresentados e/ou indicados por Oliveira (2005), quando escreveu as possibilidades de entendimento de um sistema administrativo em uma breve revisão que apoia essa metodologia, e Canabarro *et al.* (2008), quando realizaram este tipo de estudo de caso em uma empresa rural. No caso deste agroecossistema escrito, as possibilidades de crescimento apontadas pelos próprios agricultores juntamente são importantes caminhos para a consolidação deste agroecossistema, dentro do que descreve Oliveira (2005), pois este texto básico infere que se os atores de um agroecossistema, por si só, descobrem e são abertos ao diálogo sobre os pontos avaliados por uma metodologia como a utilizada é facilmente demonstrado que possíveis mudanças dentro deste agroecossistema podem ser implementadas com maior afinco, possibilitando assim melhores resultados em um futuro breve.

Ainda sobre esta discussão, o agroecossistema descrito tem inúmeros pontos fortes que muitas vezes não são encontrados em outras localidades rurais que sofreram o mesmo processo social de formação, como descrevem os trabalhos de Altieri (2000), Magnanti (2010) e Ferreira *et al.* (2014 a, b). Pois a formação territorial, social e ideológica rural é bastante dependente dos fatores naturais, em primeiro plano, e humanos, em segundo plano, pois somente assim são correlacionadas

possibilidades de manejo e de construção de um agroecossistema rentável e autossustentável, no caso mencionado percebe-se que a população local tem engajado na luta por um maior conforto e bons resultados no agroecossistema.

A produção agropecuária local tomou rumos altamente sustentáveis dentro dos parâmetros descritos por Altieri (2000), entre estes podemos frisar que a igualdade de gênero e de idade e o interesse de considerar os fatores naturais e sociais locais têm sido bem mais efetivos e marcantes, gerando no local um nível de satisfação pessoal e coletivo, que as fraquezas e ameaças que o agroecossistema descrito, e estas tem sido sanadas ou amenizadas ao passo que esta nova etapa tem sido consolidada pelos populares.

3.4. Análise de Agroecossistema

3.4.1. Fluxogramas de Insumos e Produtos

São utilizados na área do assentamento basicamente pouca quantidade de insumos externos para a produção agrícola, sendo comprados no comércio local esterco de curral e calcário, como complemento da fertilidade natural do solo para a produção vegetal do assentamento, que atende as residências e criações. O lixo orgânico produzido pelos assentados e os esterco são utilizados na produção agrícola. São vendidos os excedentes da produção local em feiras na região em torno do assentamento, gerando assim renda para os assentados (FIGURA 2).

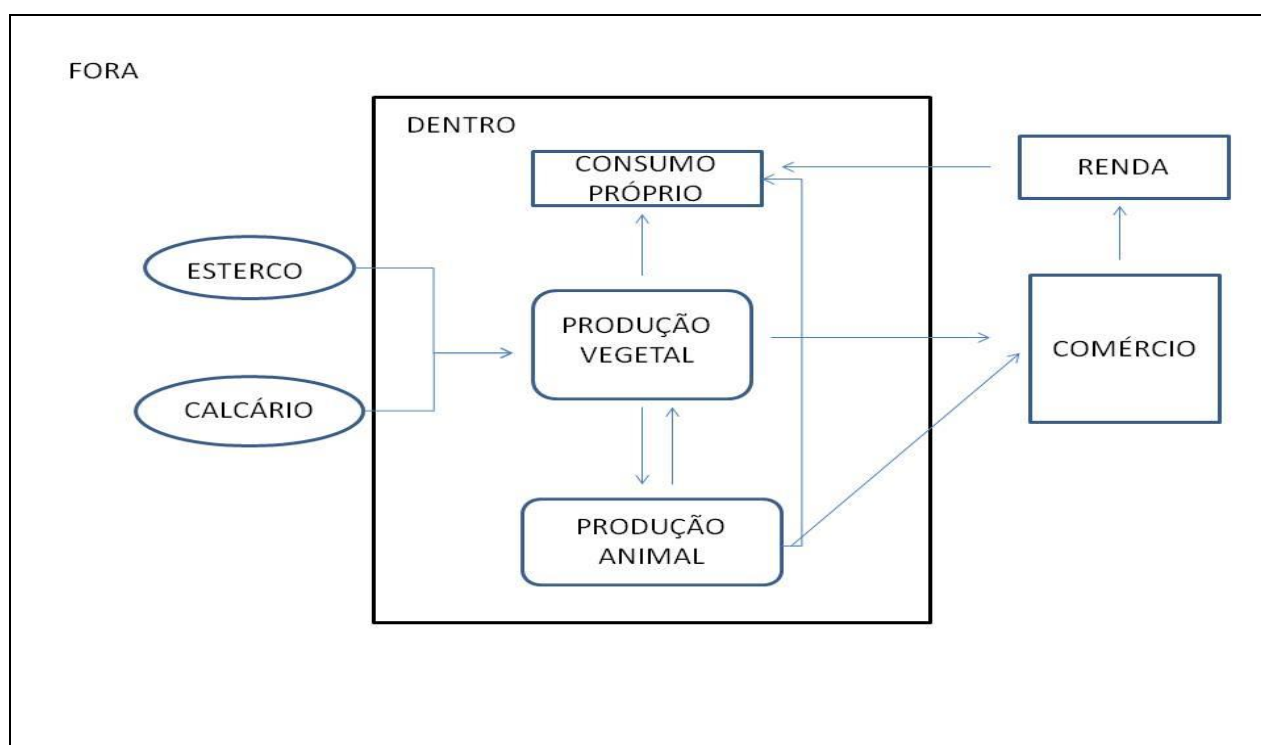


Figura 2 – Descrição geral do fluxo energético do agroecossistema presente no Assentamento Santa Maria, Pilões - PB

Nos agroecossistemas relatados por Ferreira *et al.* (2014a, b), a utilização de insumos externos utilizados para a produção agrícola segue a mesma linha descrita no agroecossistema do assentamento, pois, por exemplo, o esterco produzido nas localidades descritas não supre as necessidades da lavoura local, sendo necessária a compra de esterco para a adubação das lavouras locais.

Logo, o desenvolvimento da atividade agrônômica local dá-se pela utilização dos insumos externos como o esterco e o calcário para a produção agrícola, com o cultivo de gêneros alimentícios de subsistência, verduras e legumes, frutíferos e o urucum, atrelado aos componentes de cultivo como adubos provenientes das criações animais locais, sendo estas providas pelos os vegetais plantados (milho, por exemplo) ou espontâneos da localidade (pasto), sendo estas culturas agrícolas beneficiadas pelo estrume produzido (FIGURA 3).

As hortaliças são produzidas em todas as épocas com irrigação, água deste agroecossistema em parte era captada da chuva, e em parte eram usadas as águas provenientes da localidade ou do acúmulo da água da chuva, pelo fator limitante de distribuição de águas no local (FIGURA 3).

São criadas aves no centro do sistema, sendo estas alimentadas com os restos culturais produzidos no agroecossistema e com ração comprada no comércio local, o esterco produzidos pelas aves é utilizado como adubo nos canteiros, e quando preciso, são comprados carregamentos de esterco advindos das proximidades do município. Existem também animais de grande porte, ao número de quatro bovinos, cinco caprinos e dois ovinos, sendo estes alimentados com pasto natural (FIGURA 3).

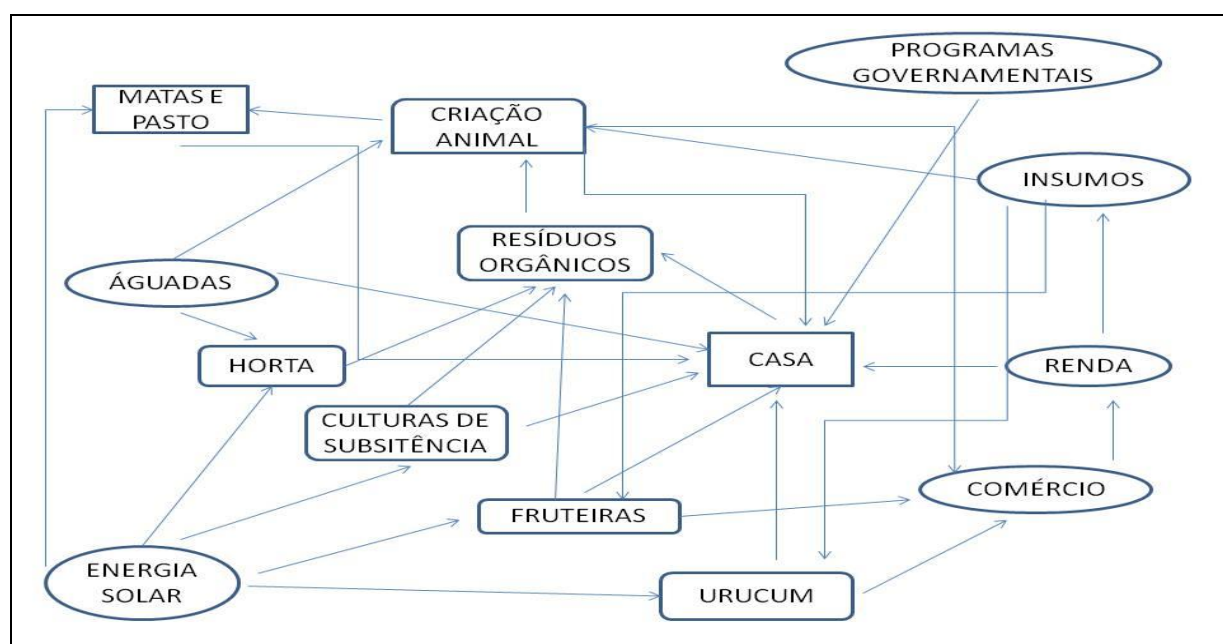


Figura 3 – Descrição detalhada da produção agropecuária do agroecossistema presente no Assentamento Santa Maria, Pilões -PB

Souza *et al.* (2014) e Ferreira *et al.* (2014b) citam que a produção pecuária é a atividade econômica mais importante dos agroecossistemas descritos, ficando em segundo plano no assentamento descrito.

Segundo Altieri e Nicholls (2006), Caporal e Costabeber (2007) e Ferreira *et al.* (2014 a, b) o agroecossistema deve ser o mais sustentável possível, pois a entrada exagerada de insumos externos pode gerar uma dependência de capital, propiciando assim uma forte dependência da venda dos produtos excedentes produzidos na localidade, não sendo interessante para propriedades familiares ou com baixa produção monetária, porque este ciclo pode ficar oneroso para os agricultores locais produzir em quantidade e qualidade para sustentar o sistema.

Carneiro *et al.* (2009) descrevem que o redesenho de um agroecossistema afim de promover equilíbrio ecológico entre as ligações internas e externas do agroecossistema, desempenha um importante papel de diversificação agropecuária, propiciando alimentos em diferentes épocas do ano.

Hernandez e Hernandez (2010) citam uma propriedade em transição agroecológica no município de Jalisco, no México, em que saberes populares sobre tecnologias de cultivo e produção de diversos gêneros têm sido uma importante base para a conservação variedade genética local, principalmente, para a cultura do milho, mantendo vivas as tradições ancestrais desse povo propiciadas pela extensão rural eficaz e continuada em Agroecologia.

3.4.2. Trabalho e renda

Neste quesito, segundo os assentados, existem diversos grupos de trabalho dentro do assentamento, em primeiro plano existe o grupo de agricultores que produz e comercializa seus produtos diretamente com o consumidor e o grupo que vende a produção para um atravessador (principalmente na cultura do urucum), existem aqueles assentados que ainda se deslocam para fora do assentamento para trabalhar em usinas na região (muitas vezes sendo um trabalho informal) ou em outro trabalho na cidade (alguns com características formais), além do que, existe uma valorização do trabalho feminino em cultivos comunitários e em hortas caseiras, bem além do que é descrito para os homens.

Esse agroecossistema é tocado basicamente pelo proprietário e pelos filhos do mesmo. Ambos habitantes usufruem de serviços básicos do governo (escolas e saúde básica) e de políticas públicas contra a pobreza (bolsas governamentais). Além do que, existe também a porção da juventude do assentamento, que em sua maioria é composta por estudantes e que estão sempre

sendo inseridos pela comunidade nas atividades produtivas e culturais do assentamento (FIGURA 3).

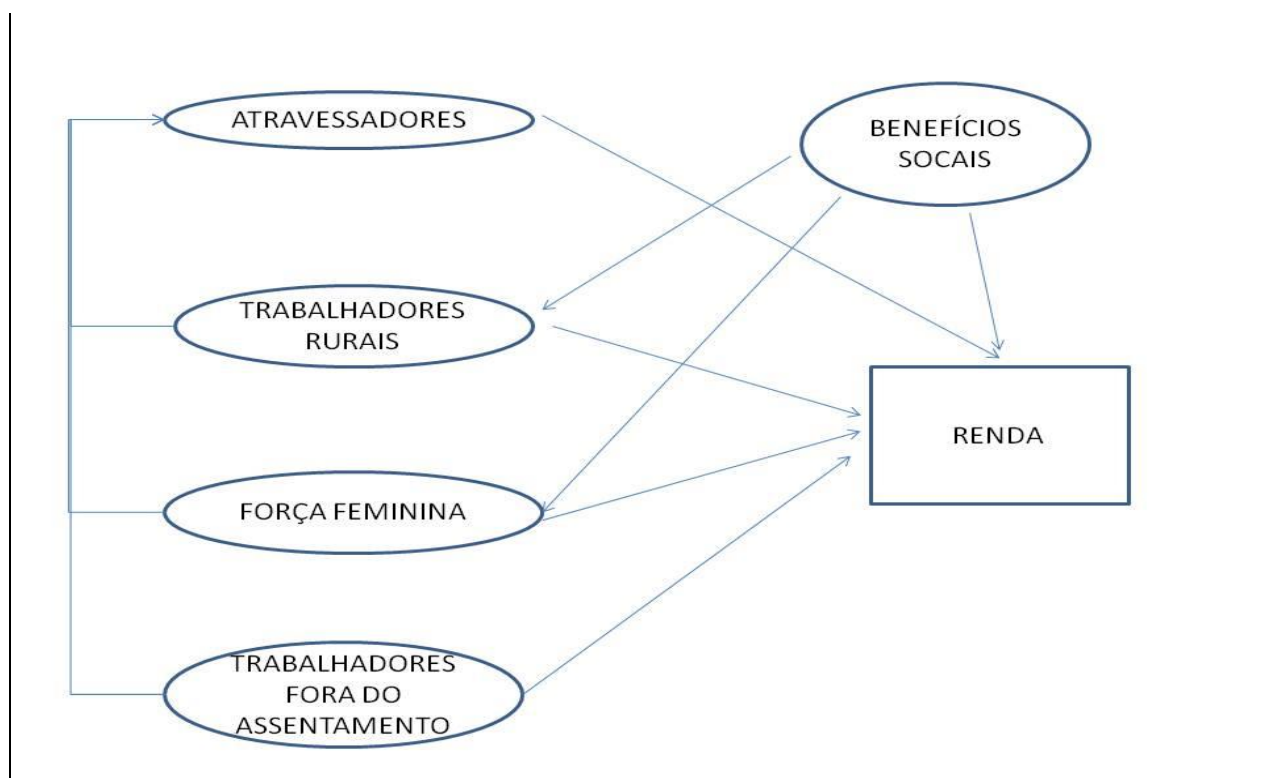


Figura 3 –Fluxograma trabalho e renda do agroecossistema presente no Assentamento Santa Maria, Pilões –PB

Para Altieri e Nicholls (2006), Caporal e Costabeber (2006) e Caporal (2008) é muito importante que o agroecossistema em transição agroecológica seja fruto da junção da soma monetária dos diversos fatores produtivos descritos dentro de um agroecossistema, no caso do Assentamento Santa Maria, a renda total é fruto do trabalho dos assentados, sem distinção de gênero, seja esta dentro ou fora do agroecossistema, lógico que os autores citam que para um bom desenvolvimento dos fluxos energéticos do agroecossistema é mais viável que toda a força de trabalho local seja utilizada dentro do agroecossistema, não em atividades que não estão ligadas diretamente ao agroecossistema descrito, e que aliado a esse parâmetro, as iniciativas governamentais sejam uma fonte constante e necessária que consiga suplementar a renda local. No caso da Usina Santa Maria, o ponto que ainda deixa a desejar é a utilização da mão-de-obra dos assentados em trabalhos que não estão ligados ao assentamento, mesmo assim é gerada renda e esta é utilizada na comunidade.

Ainda sobre a geração de renda dentro assentamento, podemos perceber que existem três fontes principais de renda. Primeiro a renda gerada a partir da comercialização dos produtos

agropecuários na região, por meio ou não de atravessadores; segundo a renda de trabalhadores fora da área do assentamento, em trabalhos formais ou informais; e por último a renda gerada pelos programas governamentais de combate a pobreza e previdência social (FIGURA 4).

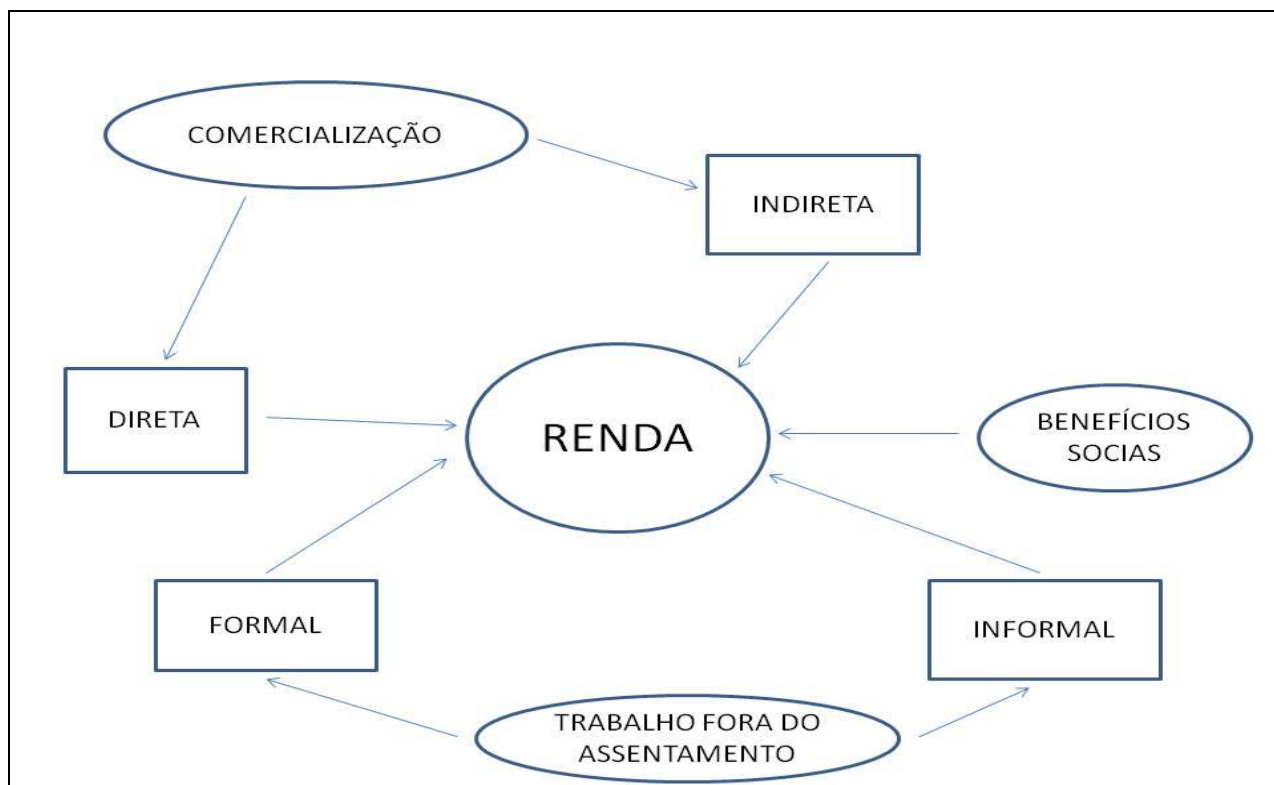


Figura 4 – Fluxograma da comercialização dos produtos do agroecossistema presente no Assentamento Santa Maria, Pilões -PB

Lourenço *et. al* (2009), descrevendo quintais agroflorestais, explica a maneira peculiar em que são efetuadas as ações socioambientais dentro e diversos agroecossistemas sustentáveis conduzidos por comunidades tradicionais amazônicas, é a forma mais interessante de manter a renda para as famílias envolvidas, da mesma maneira que os assentados pesquisados relatam.

Para Caporal & Costabeber (2007), a Agroecologia promove sustentabilidade e de independência, possibilitando ao produtor rural seguridade no campo e o despertar de uma nova mentalidade, fatores esses que são descritos pelas ações sócias dentro do sistema estudado.

4. CONCLUSÕES

A área observada tem passado por uma intensa mudança social ao passo que a Usina Santa Maria perdeu a sua importância com o declínio da atividade local, por conta das inúmeras dívidas e falta de tecnologia avançadas.

Porém a sociedade campestre que era dependente do fluxo de trabalho e capital da usina conseguiu, com o passar dos tempos, responder as expectativas locais de construção de um novo agroecossistema baseado na força do trabalho comunitário local.

Daí em diante, a busca e a abertura por novas e sustentáveis tecnologias tem servido para segurar os colonos na área da propriedade, permitindo que esta seja trabalhada no regime de assentamento rural com inúmeras possibilidades reais de crescimento e de melhoria para a população ligada a esta causa. O agroecossistema local é bastante diversificado e tem seguido um bom caminho rumo à sustentabilidade.

No geral, a localidade tem sido bem gerida, com muita abertura para as novas tecnologias, com uma condição de movimentos sociais bastante atuantes, sendo então uma localidade que pode ser utilizada como modelo para a construção principalmente de assentamentos da reforma agrária na região nordestina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.A. **Brejo Paraibano: contribuição para o inventário do patrimônio cultural**. João Pessoa, SEC/Governo do Estado, 1994.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária. 2000. 592 p.

ALTIERI, M.A. & NICHOLLS, C.I. Prefácio. In: **Agroecologia e sustentabilidade no mundo rural: experiências e reflexões de agentes de desenvolvimento local**/ Paulo Emílio Lobato e Wilson Schmidt (horas.). Chapecó, SC: ARGOS, 2006 Págs. 9 – 12

CANABARRO, J.G.; QUINTANA, A.C.; ANDRETTI, R.A. Elaboração e Análise da Matriz FOFA com base no Planejamento Estratégico feito na Empresa Agropecuária Aguiar Ltda. “Filial 4” do Ramo de Secagem e Armazenagem de Arroz. **Revista Eletrônica de Administração – FACEF** – Vol. 12 – Edição 13 – Julho-Dezembro 2008

CAPORAL, F.R. **Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações**. Brasília; 2008. 35 p.

CAPORAL, F.R. & COSTABEBER, J.A. Por uma nova Extensão Rural: fugindo da obsolência. In: **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável** / por Francisco Roberto Caporal e José Antônio Costabeber Brasília: MDA/SAF/DATER, 2007. Págs. 5 - 17.

CARNEIRO, R.G.; SUJII, E.R.; HOFFMAN, M.R.; PIRES, C.S.S.; MEDEIROS, M.A.; PEREIRA, J.F. HARTERREITEN, E.S. Biodiversidade e Transição Agroecológica de Agricultores Familiares. **Revista Brasileira de Agroecologia**/nov. 2009 Vol. 4 No. 2

COSTABEBER, J.A. Transição Agroecológica: do produtivismo à ecologização. In: **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável** / por Francisco Roberto Capopral e José Antônio Costabeber. Brasília: MDA/SAF/DATER, 2007. Págs. 17- 48.

FERREIRA, T. C.; CUNHA, A.L.A.; LEÃO, A.C. Extensão rural em fitossanidade na comunidade rural almeida lagoa seca, PB. Biofar: Revista de Biologia e Farmácia, v. 10, 2014 a.

FERREIRA, T. C.; SOUZA, J.T.A.; XAVIER, J.F. Descrição da transição agroecológica em agroecossistemas no município de Gurjão PB. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 6, 2014 b.

GODIM, A.W.A. **Geeconomia e Agricultura do Brejo paraibano: análise e avaliação**. João Pessoa. Editora Universitária/ UFPB, 1999.

HERNÁNDEZ, J.M. & HERNÁNDEZ, M.J.B. Agricultura sustentável e a construção de conhecimentos locais: uma experiência em Jalisco, México. In:Construção de territórios camponeses Paulo Petersen (org.). , v. 6, n. 3. ASPTA. 2010.

LIMA, S.F.; MELLO, F.S. Espaço Agrário e pequena produção no brejo paraibano: o caso da floricultura na comunidade Avarzeado. In: **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, São Paulo, 2008.

LOURENÇO, J.N.P.; SOUSA, S.G.A.; LOURENÇO, F.S. GUIMARÃES, R.R.; CAMPOS, L.S; SILVA, R.L.; MARTINS, V.F.C. Agrobiodiversidade nos Quintais Agroflorestais em Três Assentamentos na Amazônia Central. **Rev. Bras. De Agroecologia**. Nov. 2009 Vol. 4 No. 2

MAGNANTI, N.J. **Rede de Agroecologia do Território Serra Catarinense: um ator protagonista para o fortalecimento da agricultura familiar**. In:Construção de territórios camponeses Paulo Petersen (org.). Revista Agriculturas; experiencias em agroecologia, v. 6, n. 3. ASPTA. 2010.

MELO FILHO, P.A. **Agricultura em pequenas propriedades**. 2º ed. rev. e ata. Brasília: ABEAS, 1999.

MENEZES, M; MALAGODI, E.; MOREIRA, E.R. Da usina ao assentamento: os dilemas da reconversão produtiva no Brejo Paraibano. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Outubro de 2013, vol. 21, n. 2,

OLIVEIRA, D. P.R. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologias e práticas**. 22ª ed. - São Paulo: Atlas, 2005.

SANTOS, A.C. **Levantamento das potencialidades turísticas na Cachoeira do Ouricuri do município de Pilões**. Monografia. Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira-PB, 2012.

SILVA, E.F.; RAMOS, Y.S.; Processo de trabalho na produção de verduras no Alvinho, em Lagoa Seca/PB: a atividade dos trabalhadores e sua relação com o processo saúde–doença. **Aletheia**. Nº 28, p.159-173, jul./dez. 2008.

SOUZA, J. T. A.; FARIAS, A. A.; LIRA, E. H. A.; SILVA, K. E.; OLIVEIRA, S. J. C. Utilização da assistência técnica e extensão rural como ferramenta para o desenvolvimento sustentável em unidades da agricultura familiar no município de Taperoá PB. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 07, p. 34, 2014.